



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **A PROSTITUTA: DO UNIVERSO BÍBLICO À SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

Patricio de Albuquerque Vieira

*Universidade Estadual da Paraíba*

[patricioavieira@hotmail.com](mailto:patricioavieira@hotmail.com)

**Resumo:** A prostituição é uma temática complexa e abrangente, com nuances e explicações que variam no tempo e no espaço. Sempre atual, o tema desperta a curiosidade e o fascínio por parte de estudiosos e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Discutir sobre a prostituição é adentrar nas malhas da economia sexual presente em todas as civilizações, no seu espaço simbólico e no imaginário cotidiano, o que demanda não apenas uma reflexão acerca do fenômeno multifacetado como dado histórico e construção social, mas uma abordagem literária sobre a conduta humana que se faz revelar através da literatura feita pelo e para o homem. A prostituição é, nesse sentido, um tema crucial para revelar a vida cotidiana e demonstrar como mulheres foram silenciadas na sociedade ao longo do tempo. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações em torno da figura da prostituta. Partimos da sua presença no universo bíblico, considerando a literatura acerca da sua atuação no século XIX e na sociedade contemporânea. As nossas reflexões sinalizam para a necessidade de políticas públicas que garantam as prostitutas mercantilizarem o corpo sem censura e privações, garantindo-lhes o acesso aos direitos cívicos e humanos.

**Palavras-chave:** Prostituição feminina, Universo bíblico, Sociedade contemporânea.

### **Introdução**

Recorrente na literatura universal, a prostituição é uma temática complexa e abrangente, com nuances e explicações que variam no tempo e no espaço. Sempre atual, o tema desperta a curiosidade e o fascínio por parte de estudiosos e pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Discutir sobre a prostituição é adentrar nas malhas da economia sexual presente em todas as civilizações, no seu espaço simbólico e no imaginário cotidiano, o que demanda não apenas uma reflexão acerca do fenômeno multifacetado como dado histórico e construção social, mas uma abordagem literária sobre a conduta humana que se faz revelar através da literatura feita pelo e para o homem. A prostituição é, nesse sentido, um tema crucial para revelar a vida cotidiana e demonstrar como mulheres foram silenciadas na sociedade ao longo do tempo.

Concebida como um “mal necessário”, a prostituição encontra na expressão “a profissão mais antiga do mundo” uma forma de naturalizar esse ofício e reafirmar o domínio do homem sobre



a mulher, enfatizando que os corpos femininos sempre estiveram à disposição dos seus consumidores – os homens. Muitos autores discordam desse clichê e destacam os pastores ou as parteiras como trabalhos mais remotos. Além disso, asseguram que este pensamento do senso comum “serve para defender o fatalismo e evitar que qualquer questionamento sobre o assunto que provoca mal-estar” (LEGARDINIER, 2009, p. 198). A interpretação dessa prática social deve estar engajada no período histórico em que se pretende analisar a prática prostituinte, pois para cada tempo assume uma conotação diferente. Quanto à significação, a etimologia da palavra prostituição foi emprestada do latim *prostituere*, que significa expor publicamente, dedicar-se à vida de pecado, desonrar. Prostituir-se representa a troca de sexo por dinheiro ou por alguma compensação financeira ou material, possibilitando uma infinidade de parceiros e de experiências sexuais, sendo esta a definição mais difundida.

Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo tecer algumas considerações em torno da figura da prostituta. Partimos da sua presença no universo bíblico, considerando a literatura acerca da sua atuação no século XIX e na sociedade contemporânea. Para tal, fundamentamos as nossas reflexões nos aportes teóricos de Kirsch (1998), Pateman (1993), Perrot (2013), Rago (2008), entre outros.

### **A presença da prostituta na Bíblia**

Historicamente, aos olhos da Igreja, qualquer prática sexual que objetivasse o prazer seria pecado. Assim, proibia-se o erotismo e o homem que procurasse prazer, dentro ou fora do casamento, estaria agindo contra os preceitos religiosos. Coube à Igreja alertar as prostitutas em relação ao pecado que estavam cometendo e os cristãos que procuravam a comercialização do sexo, na condição de clientes, deveriam ser condenados por participarem de um ato moralmente ilícito (CARMO, 2011, p. 71).

Segundo Paulo Sérgio do Carmo (2011, p. 71), o tema da prostituição foi inicialmente discutido pelo apóstolo São Paulo, para o qual “o corpo, considerado como templo cristão, precisava ser protegido da luxúria proporcionada pelas prostitutas” (CARMO, 2011, p. 71). Na sua prática evangelizadora, esse apóstolo se deparou com inúmeros ambientes públicos onde a prostituição vicejava, e ao condenar a devassidão, alertou a todos que “profanavam” o corpo sagrado com relações ditas pecaminosas. Segundo o apóstolo, a mulher era responsável pela



introdução do pecado no mundo e, somente com a gravidez, ela teria a oportunidade de salvação, de remissão dos seus pecados. Este preconceito injusto e absurdo respondeu pela subalternização e desprezo da mulher durante séculos e, contemporaneamente, algumas culturas ainda segregam a mulher, para ela não induzir o homem em pecado com a exposição do seu corpo.

Jonathan Kirsch (1998, p. 145), por sua vez, explicita que os autores do discurso religioso tinham obsessão pela figura da meretriz, a qual era considerada por eles, ao mesmo tempo, como sedutora e proibida, personagem que povoa a esfera bíblica de forma literal e metafórica. O autor apresenta ainda o caso do profeta Oséias, a quem Deus fez a convocação para casar-se como uma prostituta, “o que ele aparentemente faz de boa vontade e talvez até com certo entusiasmo, embora insista que o objetivo de sua união ilícita era censurar seus companheiros israelitas por sua infidelidade espiritual” ao adorar deuses estrangeiros. Para o autor, a Bíblia permite entender que a prostituição era uma prática muito comum no antigo Israel, sobretudo quando se observa a condenação à devassidão entre as mulheres desse país. Com o intuito de demonstrar seu pensamento – o de que há muitas referências à prostituição liberal e metafórica -, Kirsch (1998, p. 145) traz à tona a história de Tamar, a qual confirma a existência, na antiga Canaã, de pelo menos dois tipos de prostituição, a saber: a meretriz comum (*zonah*, conforme o original hebraico) e a prostituta do templo ou “cultista” (*qedeshah*), que tinham suas práticas sexuais santificadas entre os cananeus como forma de adoração às deusas da fertilidade. Vale informar que, em hebraico, a expressão *qedeshah*, tido como prostituta “sagrada”, “de culto” ou “de templo”, significa “uma mulher consagrada”, disposta a receber os frequentadores de um local de adoração pagã, como o templo de Ishtar, a deusa babilônica do amor ou de Astartéia, a deusa Cananéia da fertilidade.

O estudioso ressalta ainda que Tamar, jovem atriz de uma encenação sexual, atuou uma única vez como prostituta comum para seduzir o sogro – Judá -, destaca-se na história ao realizar um ato de amor físico proibido. Tal história “trata-se do mais antigo e secular tipo de negócio, sexo por dinheiro, e o diálogo entre Tamar e Judá mostra-nos uma prostituta discutindo astutamente as condições de pagamento” (KIRSCH, 1998, p. 146). Essa passagem ilustra que, desde há muito tempo, a prostituição é uma prática de negociação, de troca do serviço sexual por dinheiro ou mercadorias. Outra prostituta protagonista na Bíblia é Raabe, mulher prostituída que salvou os israelitas das garras dos soldados de Jericó, quando estes foram mandados por Josué para espiarem essa cidade, fazerem relatórios de sua organização, para em seguida o rei montar estratégias de conquista da cidade desejada – Jericó. A prostituta em questão não delatou os espiões, pois “pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os incrédulos, acolhendo em paz os espias” (Hebreus 11:31).



A sociedade de outrora e a contemporânea condenam o ofício da meretriz, chegando a menosprezá-la agressivamente. Não seria contraditório condenar a prostituta com base em padrões religiosos se a própria Bíblia demonstra que Jesus perdoa-a? As escrituras sagradas revelam que as prostitutas que acreditam em Deus obtiveram a salvação: “Então Jesus lhe disse: ‘Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus. Pois João veio até vós, caminhando na justiça e não acreditastes nele. Mas os publicanos e as prostitutas creram nele’” (Mateus 21:31-32). Se Deus aceita a prostituta por que os homens da terra têm que julgá-la? O julgamento leva a intolerância que, por sua vez, leva à violência, ao repúdio.

### **Um breve olhar sobre a prostituição de mulheres no século XX**

A prostituição feminina também foi tomada como objeto de estudo na literatura do século XX. Nesse período, a prostituição é concebida como:

uma derivação (deturpação do sentido) do ato sexual legitimado pelos costumes ou pelo casamento, transformando-o em fonte de renda. Para que haja prostituição há a necessidade de participação da mulher - a que vende a sua força de trabalho, no caso, a capacidade sexual – e do homem, que compra o direito de usá-la por determinado momento (ESPINHEIRA, 1984, p. 40).

Da citação acima, depreendemos que a prostituição feminina surge de fatores de ordem social e econômica, resultando da compra e da venda do desempenho sexual da mulher, a qual se torna um objeto de venda. A prostituição, nesse caso, caracteriza-se como uma forma de sobrevivência de mulheres que se encontram sem outras opções de trabalho. Como diz Carole Pateman (1993), é antigo o argumento de que as prostitutas são obrigadas a adentrarem na prostituição por razões econômicas e como o empreendimento capitalista, a prostituição é encarada como empreendimento privado realizado por meio de um acordo particular entre a vendedora (prostituta) e o comprador (cliente). A autora faz críticas à noção de contrato social fundada pelos contratualistas, principalmente pelo fato de, dentro do contrato sexual entre homens, contraentes e contratados já se encontram em relações assimétricas de poder; e quando se trata de um contrato realizado entre homens e mulheres tal assimetria se acentua. De acordo com a estudiosa,

O contrato de prostituição é um contrato feito com uma mulher e, portanto, não pode ser igual ao contrato de trabalho, um contrato entre homens. Apesar de o contrato de prostituição ser selado no mercado capitalista, ele ainda difere em alguns aspectos significativos do contrato de trabalho. Por exemplo: o trabalhador



sempre entra em um contrato de trabalho com o capitalista (PATEMAN, 1993, 296).

Elisiane Pasini (2009, p. 239), por sua vez, compreende a prostituição feminina como “uma atividade praticada por mulheres que estabelecem práticas sexuais com diferentes homens em troca de um bem (o que não exclui outras formas de pagamento, como, por exemplo, refeições e/ou presentes)”. Na visão da autora, o exercício da prostituição de mulheres dá-se através de uma negociação entre o homem e a mulher sem, necessariamente, o dinheiro ser a única forma de pagamento, ou seja, diante da condição precária da prostituta, o “macho” pode comprar o sexo com alimentos e objetos, desconsiderando trocas de afeto e fidelidade. A prostituição é, nessa perspectiva, um sistema de relações, haja visto que é realizado entre duas ou mais pessoas, definidas como vendedor (prostituta) e comprador (cliente) que negociam um produto (sexo).

Entendemos, então, que a prostituição é a prática consciente da negociação/troca do corpo por dinheiro ou por outra compensação financeira e/ou material, com a possibilidade de infinitos parceiros e de experiências sexuais diversas. Do ponto de vista econômico, “o ato prostitucional não passa de uma prestação de serviços, moldada na fórmula usual de compra e venda” (PEREIRA, 1976, p. 37); é uma negociação entre o vendedor (a prostituta) e o comprador (o cliente) que comerciam o produto (o sexo).

Um dos estudos importantes para a compreensão do submundo da prostituição foram as pesquisas documentais realizadas pela historiadora Margareth Rago (2008). Em se tratando da organização do espaço social, a autora acentua o caráter “civilizador” da prostituição na sociedade, “porque aí se realizava a iniciação sexual dos rapazes, rito de passagem para sua abertura à alteridade”. Sob esse ângulo, a prostituição apresenta-se como uma opção para proteção da virgindade das jovens garotas e da castidade das esposas, enquanto os jovens poderiam desfrutar dos prazeres oriundos dos prostíbulos para quando casar dedicar-se totalmente ao lar e aos negócios.

Sem dúvida, as prostitutas convivem com o outro na sociedade, construindo a sua história de dor e sofrimento, enfrentando preconceitos relacionados a uma antiga profissão inserida numa cultura em que poucos respeitam a diversidade e a liberdade. No tocante à prostituição, Geralda Nóbrega (2007, p. 182) salienta que, inserida no âmbito da cultura, a prostituição está relacionada “a aspectos outros, vivificados no trânsito com o social, que serve de esteio para o plano da história, o que destaca continuamente uma profissão em sintonia com a história dos povos”.



Caracterizada como um fenômeno tipicamente urbano, ela atrai homens que buscam o prazer, tornando-se “um efeito, produto de um meio que beneficia a muitos setores sociais envolvidos, especialmente os homens, que, aliás, jamais foram objetos de problematização ou de ataques quando se tratou dessa experiência” (RAGO, 2008, p. 14). Pensando assim, a prostituição serve para atender ao prazer masculino, uma vez que em nossa cultura o sexo não é desonra para o homem. Um aspecto positivo da prostituição é o fato de as meretrizes serem transmissoras de hábitos mais civilizados, especialmente as de origem estrangeira, além de se comportarem como introdutoras dos jovens nas “artes de amar”.

Quanto ao lado positivo da prostituição, negligenciado pela literatura acerca dessa temática, a historiadora Margareth Rago (2008) explicita que:

Condenada e aceita ao mesmo tempo, a prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser apreendidas se escaparmos aos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade. Ao agrupar os indivíduos através de redes subterrâneas de convivência e solidariedade, apresentava-se como um território que viabilizava a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão (RAGO, 2008, p. 168).

Na verdade, tal positividade era representada, na perspectiva da pesquisadora, pelas “práticas licenciosas que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras e jogos que ocorriam nos cabarés e ‘pensões alegres’ da cidade que conformavam um espaço importante de interações sociais” (RAGO, 2008, p. 168). De acordo com a autora, a prostituta é vista como símbolo da modernidade não somente pela libertação dos costumes, mas, sobretudo, pela multiplicação das práticas eróticas e sexuais e pela desconexão com os vínculos sociais tradicionais. Sabemos que a prostituta foi construída como um contra-ideal necessário para atuar como limite à liberdade feminina. Os tempos mudaram! As mulheres da atualidade demonstram através de suas práticas que nem toda mulher nasceu para casar e ser submissa a um homem. Prostituta ou não, o casamento passou a ser escolha – e não obrigação - no Ocidente.

### **O espaço da prostituta na sociedade contemporânea**

Pensar o lugar da prostituição na sociedade contemporânea tem sido preocupação constante de estudiosos e, em particular, de movimentos organizados de prostitutas que lutam pelo



reconhecimento do ofício como uma profissão a ser respeitada, protegida e legitimada social e legalmente, conferindo todos os direitos trabalhistas às mulheres que sobrevivem dessa instituição por escolha ou por falta de oportunidades.

No submundo da prostituição, existem jogos sexuais estabelecidos por meretrizes, que na luta para manter a vida, assumem esta profissão devido a limitações enfrentadas pela mulher no mercado de trabalho, reduzindo-se a condição de mercadoria de compra e venda, abandonando à própria vida, a realização de seus sonhos, uma vez que no exercício da prostituição

a mulher se torna destituída de si mesma, procura ancorar-se em um porto suspeito, turbulento, enganador e oscilante. O ancoradouro da mulher de costumes ‘fáceis’ torna-se um submundo imundo, um cenário de aventuras da existência e de feridas dissimuladas. Prostituir-se é como sequestrar-se a si mesma (FERRO, 1997, p. 18-19).

Sob essa ótica, as profissionais do sexo são reduzidas a objetos de desejo, desprovidas de memórias afetivas, ignoradas ou negadas por praticarem uma sexualidade insubmissa. Em relação ao modo de viver da prostituta, Simmel (2006, p. 2) reflete acerca da indignação moral que a “boa sociedade” expressa no que tange à prostituição e ressalta que “nada mais falso do que chamar de garotas de vida alegre essas infelizes criaturas” que vivem não para a sua própria alegria, mas sim, para a felicidade de outrem, para satisfazer os mais variantes desejos sexuais alheios.

Sem dúvida, a prostituição se configura hoje como uma instância marginalizada da sociedade que vem recebendo novos significados culturais, levantando discussões calorosas, sobretudo quando da sua regularização como uma profissão com direitos e deveres. Para entender a prostituição, é preciso ir além das relações econômicas e políticas; é fundamental considerar a alteridade como um traço caracterizador da mulher prostituída. Como afirma Francisca Ilnar Sousa (1998, p. 148), “a prostituição não está com seus ‘dias contados’, mas adaptando-se as novas exigências sociais”. O que se faz urgente nesse momento é compreender o *diferente*, o *diverso* entre prostituta e cliente, entender que uma mulher não se prostitui apenas para sobreviver, mas por preferir ser e estar na condição de prostituta. Com base na sua pesquisa, a estudiosa conclui que, enquanto tema atual,

a prostituição, *diferente* na sua relação com o social, foi construída como uma soma de *diferenças* que organizam esse diverso social. Porém, tão importante quanto esse entendimento sobre a prostituição, foi o esforço de repensar e tentar contribuir para a compreensão de um fenômeno que tem incomodado, assim como



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

de vários outros que temos dificuldades de entender e aceitar, por serem *diferentes* (SOUSA, 1998, p. 35). (Grifos da autora).

Vemos que a comercialização do corpo não é uma prática bem vista aos olhos da sociedade para a qual a mulher ainda é o símbolo da maternidade, da reprodução, por transgredir o pensamento de que a mulher “honesta” é aquela que cria família e cuida de seu lar. Diante desse quadro, são necessárias políticas públicas que possam socorrer e amparar mulheres que desejam seguir outra “profissão”, pois apontar severamente uma prostituta contribui para sua decadência e marginalização. E àquelas que desejam comercializar seus corpos têm o direito a toda nossa simpatia, haja vista que é um direito da mulher fazer o que bem entende de corpo. Nesse sentido, as prostitutas têm o direito de fazer com que a prostituição seja reconhecida como uma profissão como qualquer outro trabalho, pois é do seu próprio corpo que ela retira a sua sobrevivência por que não comercializá-lo? O que torna esta comercialização do sexo é uma tarefa muito difícil de aceitação, isenta de preconceitos por parte da sociedade, é, na visão de Chiland (2005), ser a prostituição uma degradação da mulher, uma escravidão do corpo feminino. Além disso, os padrões morais e religiosos orientam (ou desorientam?!) a humanidade por muitos séculos, delimitando o espaço da mulher (casa, família) e o seu papel social (mãe, cuidadora do lar). No que se refere à mercantilização do sexo, “a visão atual é a de uma globalização com redes estruturadas que se abastecem em todos os bolsões de pobreza [...] e utilizam os recursos infinitos da internet para uma circulação acentuada num mercado em expansão e fonte de lucros consideráveis” (PERROT, 2013, p. 80).

Vemos que no século XXI, a prostituição, conforme verifica José Miguel Nieto Olivar (2013), não se limita à troca do sexo por dinheiro ou por outra compensação, pois ela existe na relação com classe, gênero, geração, etnia, entre outros, tendo, portanto, a necessidade de ser observada como uma ideia, uma imagem, um feixe de relações simbólicas, que “padece de uma relativa estabilidade de valor negativo no Ocidente, enquanto guarda-chuva axiomático, imagético, que envolve e constrói (e é construída por) uma diversidade indeterminada de práticas... nem todas econômicas, nem todas sexuais” (OLIVAR, 2013, p. 33). A prostituição aparece, então, como um lugar de produção de relações sociais que reflete a cultura e a cada dia encontra mais adeptos/as. Assim sendo, muitos interditos precisam ser desconstruídos para combater as violências impostas às meretrizes e a prostituição possa, enfim, atender às novas exigências sociais.

## **Conclusão**

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)





Sendo a prostituição uma prática em expansão, necessitamos de políticas públicas que garantam as prostitutas “batalhar” sem censura e privações, ou seja, é necessário descriminalizar a prostituição, dar visibilidade a esta prática e reverter a ideia de chaga social e ameaça à família. Vivendo no meretrício por escolha ou como recurso de sobrevivência, a mulher prostituída deve ter assegurados o respeito, a dignidade e a liberdade, afinal, ela é uma cidadã com desejos, anseios e necessidades, fatores que caracterizam todos os seres humanos.

Se mercantilizar o corpo é uma forma opcional de sobrevivência, as prostitutas devem protestar contra a hipocrisia do Estado e da sociedade em geral numa voz política que reivindica a solidariedade das instituições responsáveis pelo trabalho, buscando o fim do assédio sexista, racista e colonialista contra aquelas que se encontram fora da margem social. Nesse caso, uma das maneiras de fazer as prostitutas voltarem ao centro é garantir a elas o acesso aos direitos cívicos e humanos.

Diante desse quadro, acreditamos que “descriminalizar a prostituição e respeitar as prostitutas, dando-lhes voz e visibilidade para que elas possam romper com o silêncio que as acorrentou durante muito tempo seria o maior gesto de democracia” (VIEIRA, 2016, p. 246), que contribuiria para a inserção da meretriz na família e na sociedade.

## **Referências**

BÍBLIA SAGRADA. 2. ed. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

CARMO, Paulo Sérgio de. *Entre a luxúria e o poder: a história do sexo no Brasil*. São Paulo: Octavo, 2011.

CHILAND, Colette. *O sexo conduz o mundo*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FERRO, Eula Pereira. *Prostituição e romance*. Goiânia: UCG, 1997.

ESPINHEIRA, Gey. *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. Salvador: Fundação Cultural do estado da Bahia, 1984.

KIRSCH, Jonathan. *As prostitutas na Bíblia: algumas histórias censuradas*. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

LEGARDINIER, Claudine. Verbete: Prostituição I. In: HIRATA, H. et al. *Dicionário Crítico do Feminismo*. Editora Unesp, 2009.



NÓBREGA, Geralda Medeiros. A prostituta: mulher de vida ambivalente ou a ambivalência de uma profissão? In.: SILVA, A. de P. D. da (org.). *Gênero em questão: ensaios de literatura e outros discursos*. Campina Grande: EDUEP, 2007.

OLIVAR, José Miguel Nieto. *Devir puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PASINI, Elisiane. Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos. In.: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E., FÍGARI, C. E. (orgs.). *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução Marta Avancini. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1993.

PEREIRA, Armando. *Prostituição: uma visão global*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução Ângela M. S. Côrrea. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SOUSA, Francisca Ilnar de. *O cliente: o outro lado da prostituição*. Fortaleza: Annablume, 1998.

VIEIRA, Patricio de Albuquerque. Sob a luz do abajur lilás cenas da prostituição e da exclusão social. In.: VIEIRA, P. de A. (org.). *Literatura, discurso e ensino: cruzando caminhos*. João Pessoa: Ideia, 2016.